

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “50 ANOS DE HIP-HOP”

Convicção herdada de quem veio antes de mim
 Dos que perderam a vida pra que eu chegasse até aqui
 Que prepararam o caminho que eu deveria seguir
 Que me deixaram legado de como eu devo agir
 A resistência de sangue o suor derramado
 Cada tambor batido, cada canto cantado
 Quando a senzala cantava e o senhor preocupado
 Teve fogo na casa grande pelo pelourinho derrubado
 Na roda de capoeira, no toque do berimbau
 O griot e a kora, minha herança ancestral
 A doutrina pro santo que espanta o mal
 Meus professores pioneiros no rap nacional
 Os livros emprestados, várias trocas de ideias
 Transformaram a história na preferida matéria
 Cada gota de sangue africano que torre minha artéria
 Me ensinou que o meu lado é sempre a favela¹

As quebradas do Brasil que aprenderam com o Hip-Hop sempre souberam que esse movimento nunca foi só entretenimento. Aos cinquenta anos de existência no mundo e há quatro décadas no Brasil, esse movimento tem produzido conhecimento e se mostrado como uma experiência de resistência na periferia. A academia, um campo hostil para uma produção epistemológica construída fora de seus muros, ao conceder para o grupo Racionais MC's o título de *Doutores Honoris Causa*² reconhece tal produção/construção de saberes.

O Hip-Hop é mais que seus elementos fundamentais (DJ, MC, Breaking e Graffiti). Este Dossiê é uma amostra dessa afirmação. Os textos aqui apresentados demonstram a complexidade desse movimento abordando temas que passeiam entre: o Hip-Hop como espaço de identidade e resistência; Hip-Hop, políticas públicas e profissionalização; Hip-Hop, Educação e Produção do Conhecimento; e, o Hip Hop e a Indústria Cultural.

Nessa décima quinta edição, tivemos pela primeira vez um Dossiê proposto por pessoas externas ao Conselho Editorial da Revista Hydra, o tema

¹ Evolução da Negritude – Infância Revolucionária Resistência Afronordestina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AbolOKEfX1M>. Acesso em: 29 mar. 2025.

² NUNES, Tote. Racionais MC's recebem título de Doutor Honoris Causa na Unicamp em dia histórico. Jornal da Unicamp, Campinas, 7 mar. 2025. Disponível em: <https://jornal.unicamp.br/noticias/2025/03/07/em-dia-historico-na-unicamp-racionais-mcs-recebem-titulo-de-doutor-honoris-causa/>. Acesso em: 26 mar. 2025.

foi acolhido devido a sua relevância social e acadêmica, cujas proponentes foram Profa. Ellen de Lima Souza³ e Priscilla Marques Campos. A chamada do Dossiê foi lançada no site da Revista em 2024, com a parceria para a produção da arte de capa do graffiteiro e arte-educador Bruno Byl,⁴ da Zona Leste de SP, integrante da crew Gamex.

Nesse mesmo ano, a UNIFESP atuou em conjunto com o Ministério da Cultura e com o movimento social Construção Nacional do Hip-Hop,⁵ no edital do Diagnóstico da Cultura Hip-Hop Brasileira⁶. Vale destacar que para o bom andamento desse trabalho na UNIFESP, campus Guarulhos, a contribuição das pessoas voluntárias, em sua maioria membros do Núcleo Negro UNIFESP Guarulhos (NNUG), merece um agradecimento especial.

Quantificando essa edição da Hydra, tivemos o total de 18 trabalhos, sendo 6 artigos do Dossiê, 5 Artigos Livres, 4 Notas de Pesquisa, 1 Resenha e 2 Entrevistas. Pela perspectiva temática, foram 11 sobre Hip-Hop e 7 de outras áreas. Sendo assim, seguimos para as apresentações das pesquisas.

O artigo que abre o Dossiê é o **“Raio X do Brasil”: análises do Mapeamento da Cultura Hip-Hop Nacional e sua potência educadora**, de Ellen de Lima Souza, Maurício de Sena Monteiro e Priscilla Marques Campos, que partiu dos dados coletados do edital Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop e buscou investigar a diversidade do Hip-Hop no Brasil, destacando a importância dessa expressão cultural enquanto movimento de resistência e denúncia das violências que afetam as juventudes periféricas e corpos negros. Os dados oriundos do mapeamento da Cultura Hip-Hop Nacional apontam para uma visão panorâmica dos sujeitos que fazem a cultura/movimento Hip-Hop destacando as questões de identidade de gênero, orientação sexual, expressões artísticas predominantes e distribuição geográfica dos participantes. Para além das quantificações, o texto destaca a interseção entre o Movimento Negro Educador e o Hip-Hop, destacando

³ IG: laroye_grupodepesquisa

⁴ IG: byl_gamex e-mail: brunobyl91@gmail.com

⁵ IG: cnacionalhiphop

⁶ O projeto foi trabalhado em articulação com a FAP UNIFESP, com coordenação de Ellen de Lima Souza e Deivison Nkosi.

como ambos atuam como ferramentas pedagógicas para a conscientização racial e a transformação social, reafirmando o Hip-Hop como um espaço legítimo de construção e produção do conhecimento e resistência, assim como um espaço de promoção e valorização da cultura negra.

Partindo de uma reflexão a respeito das práticas das batalhas de dança da cultura Hip-Hop, o artigo do Dossiê **Batalhas da vida: um estudo das batalhas de dança e a preparação dos/as artistas de Hip-Hop Dance**, de Jeferson Leonardo Manfroni Cabral e Ana Cristina Ribeiro Silva, abordou os processos de preparação dos dançarinos e como as experiências desses sujeitos afetam suas performances artísticas. O texto apontou para além dos impactos dos treinamentos corporais no desempenho do fazer artístico, ele desenvolve uma observação profunda dos aspectos que relacionam mente, corpo e cultura dentro do cenário das batalhas de danças do Hip-Hop. Nesse itinerário, o artigo destacou a importância do Hip-Hop Dance como instrumento de transformação social e identidade cultural, colocando o Hip-Hop como um espaço de aprendizado contínuo.

Visando analisar as criações e implementações de políticas públicas voltadas à Cultura Hip-Hop na cidade de São Paulo, tivemos o artigo do Dossiê **Vozes da rua e políticas em movimento: mobilização e a conquista de políticas públicas em São Paulo**, de Edson Linhares da Silva e Victória Bassan Mineto. O artigo buscou destacar a importância do Movimento Hip-Hop na formulação e implementação de políticas públicas voltadas as práticas culturais relacionadas a esse movimento, onde se destacam as conquistas de programas e projetos relevantes como: Rap... Pensando a Educação, Mês do Hip-Hop, as Casas do Hip-Hop, o Prêmio Sabotagem, Território Hip-Hop e o Núcleo de Hip-Hop. No texto são apresentados tanto as conquistas como os desafios presentes para o movimento Hip-Hop nas questões relacionadas as políticas públicas e para a sua valorização e reconhecimento enquanto expressão cultural juvenil da cidade de São Paulo. A análise presente no texto apontou que essas políticas públicas são implementadas “por cima”, muitas vezes sem a participação e diálogo com representantes do movimento.

Tendo como referenciais teóricos os Estudos de Hip-Hop, os Estudos da diáspora africana e a Sociologia das Profissões, temos o artigo do Dossiê **Agência e regulação na cultura Hip-Hop: considerações sobre o processo de profissionalização do ofício de Mc**, de Cairo Henrique dos Santos Lima. O autor busca analisar como os MCs articulam sua agência criativa e as redes que contribuem para a ampliação do reconhecimento e da legitimidade do Hip-Hop enquanto prática profissional. Nesse itinerário, o texto apresenta o desenvolvimento das batalhas de MC's no Brasil, a formação das ligas FMS (*Freestyle Master Serie*), o *Red Bull Batalha* e as transformações e mudanças nas estratégias de mobilização da juventude negra da periferia brasileira por via cultura Hip-Hop. Além de debater os impactos e consequências da regulação do ofício de MC, o artigo apresentou uma reflexão crítica a respeito dos modelos tradicionais de profissionalização e aponta para a necessidade de abordagens capazes de interagir com as especificidades e singularidades da cultura Hip-Hop.

Inserido nas áreas da Linguística Textual, da Sociologia da Literatura e do Hip-Hop Studies, obteve-se o artigo do Dossiê **O Subcampo do Hip-Hop: uma análise textual de Racionais MC's, Emicida e Djonga**, de Anna Christina Bentes da Silva, Gustavo Solera Damasena e Jaeder Ferreira de Oliveira. O trio visa alcançar a compreensão como MC's de diferentes gerações do Hip-Hop brasileiro interagem, refletem e articulam a valorização da ascensão social, a descrição e categorização da periferia e como o próprio sujeito que faz o rap emergir em suas próprias letras. Ao acionar os conceitos de tópico discursivo (BENTES, 2006; JUBRAN, 2006, Ferreira-Silva, 2020) e campo social (BOURDIEU, 1996), o texto infere que os MC's são forjados e, ao mesmo tempo, forjam os contextos sociais e políticos nos quais estão inseridos, de modo que, as narrativas presentes no Rap elaborado por esses sujeitos se tornam instrumentos de resistência e reconhecimento, o que aponta para o Rap um cenário de disputas simbólicas dentro do espaço cultural nacional.

Como último artigo do Dossiê, mas não menos importante, contamos com a pesquisa de Francisco Carlos Guerra de Mendonça Junior, com o título **“Apesar de tantas riquezas que tu tens, estás frágil”: O rap como ferramenta**

de reivindicação da emancipação política de Cabinda. A pesquisa demonstrou o rap como ferramenta de resistência política em Cabinda, Angola, o gênero musical, introduzido nos anos 1990 por grupos como Tchiówa Boys e Cordão Negro, transformaram-se em voz ativa pela independência do território. A partir de entrevistas com artistas e produtores locais, como João Valentim, o estudo abordou como as letras de rap articulam as reivindicações históricas do movimento, remontando às consequências da Conferência de Berlim (1884-1885), ao mesmo tempo em que reforçam a identidade cultural cabindense como forma de mobilização.

Na categoria de Artigos livres, tivemos 5 trabalhos. Lucimara Andrade da Silva e Luana Aparecida da Silva, publicaram **Os meios de comunicação: o aparecimento e a circulação de boatos.** Buscando compreender e distinguir as diferenças entre boato, fofoca e notícias falsas – fake news, para isso utilizaram de uma análise comparativa e crítica exemplos históricos em contextos de catástrofes, crises políticas e guerras. Utilizando-se para a investigação recursos teóricos da psicologia das multidões, da sociologia clínica e da história.

O artigo **Fundamentos do fazer histórico de Michel Foucault**, de Luan Vieira teve com principal resultado a demonstração de que a História, em Foucault, não busca verdades absolutas, mas visa desconstruir normatividades, revelando como os sujeitos são constituídos por relações de poder e saberes locais, incentivando a crítica e a possibilidade de ruptura com estruturas dominantes. A obra *Microfísica do Poder* teve centralidade na abordagem do autor, além de destacar a influência das Escola dos Annales com a questão da história-problema.

Ainda sobre o fazer historiográfico, o artigo de Matheus Targueta trouxe a referência inglesa para os estudos culturais, cujo trabalho intitulou-se **E. P. Thompson, historiografia e ensino-aprendizagem de História: o autor como professor e o professor como autor.** O artigo analisou as conexões entre a produção historiográfica de E. P. Thompson nas décadas de 1950-1960 e sua atuação como educador de jovens e adultos trabalhadores no mesmo período, utilizando-se da perspectiva de Ilmar Rohloff de Mattos, que entende

historiadores e professores como produtores de conhecimento histórico, superando a falsa dicotomia hierarquizada entre essas atividades.

Utilizando como campo de pesquisa o Sul de Minas e o jornal A Gazeta do Povo, Daniel Venâncio e Gabriellem Oliveira Santana, produziram o artigo **Companhias artísticas itinerantes na cidade de Ouro Fino, sul de Minas Gerais, na década final do século XIX**. Investigou-se os espetáculos itinerantes no Sul de Minas Gerais no final do século XIX, destacando a circulação de circos, trupes teatrais e mágicos em Ouro Fino. Foram encontrados 10 registros de grupos ambulantes no período com predomínio de circos, seguidos por apresentações de prestidigitação (tipo de ilusionismo) e teatro.

Encerrou-se a categoria de artigos livres com a **Análise contextual dos registros trabalhistas da Light São Paulo**, de Andreia Francisco dos Reis. O trabalho foi fundamentado em documentos administrativos da Light São Paulo, relatórios sindicais e legislação trabalhista (1923-1946), demonstrando a importância de analisar as transformações nas relações de trabalho mediadas por empregadores, sindicatos e Estado.

No bloco das Notas de Pesquisa, três das quatro notas abordaram o tema do dossiê. A primeira foi de uma das voluntárias do projeto Mapeamento da Diversidade da Cultura Hip-Hop e estudante de psicologia da UNIFESP, Letícia Cavalcanti dos Santos em parceria com Mateus Santos Lima intitulada **Cultura Hip-Hop, a saúde e as pessoas negras LGBTQIAPN+: identidade, pertencimento e (r)existências**, partindo das respostas dos questionários aplicados durante a inscrição do Edital Cultura Viva – Construção Nacional do Hip-Hop, apresentou o Hip-Hop como um espaço de tensão, pois mesmo este sendo caracterizado como lugar de resistência, por vezes, reproduz opressões de misóginas, machistas e LGBTfóbicas. Contudo, apontou o Hip-Hop como um espaço onde se constrói identidades, fortalece a autoestima e possibilita a formação de redes de apoio e solidariedade, o que pode contribuir significativamente para a saúde mental dos sujeitos que fazem o Hip-Hop.

Partindo do conceito de História a contrapelo de Walter Benjamim, Daniel Neves de Andrade produziu a nota **Do lixão nasce flor: entre o cinema**

de quebrada e 'O Rap da Vila Rio'. O texto buscou refletir como o cinema produzido na periferia pode funcionar como instrumento capaz de resgatar a memória de sujeitos marginalizados. A experiência de cineasta e pesquisador guia a escrita do artigo, buscando compreender como a produção cinematográfica de quebrada atua como meio de resistência, denúncia social e identidade. O Hip-Hop emerge no artigo a partir da apresentação do processo de produção do documentário "O Rap da Vila do Rio". O texto apresenta a possibilidade de evidenciar como o Rap e o cinema feito na periferia podem atuar coletivamente preservando experiências individuais e coletivas, capazes de atuar como arquivos vivos da luta e pertencimento dos sujeitos em seus territórios, contribuindo, dessa forma, para debater e romper com o apagamento da memória coletiva dos sujeitos da periferia brasileira.

Ao examinar as referências literárias, espirituais e do feminismo negro no álbum *The Miseducation* da rapper estadunidense Lauryn Hill, Luana Sena Chicol publicou a nota '**Music is supposed to inspire**': **Como 'The Miseducation of Lauryn Hill' revolucionou o gênero do hip-hop**. Analisando como esse álbum ultrapassou as barreiras do Hip-Hop desafiando as normas da cultura ao fazer emergir uma perspectiva feminina e introspectiva em suas composições. A relação do álbum com o feminismo negro, a espiritualidade e a crítica social foram analisadas, de modo a ressaltar o seu papel na construção de novas narrativas dentro do gênero musical. Nesse sentido, o artigo apontou como *The Miseducation of Lauryn Hill* não apenas consolidou a artista como uma das vozes mais importantes da música mundial, mas também reordenou os padrões do hip-hop, tornando-se um marco na cultura global.

A última nota dessa décima quinta edição foi a de Jean C. Santos, cujo título foi **Homens do mar na Terra de Todos os Santos**. O estudo revelou como as tensões entre marinheiros e a população local eram profundamente influenciadas por condições de trabalho insalubres, disciplina violenta a bordo e isolamento social, desafiando a visão simplista que os rotulava como meros "turbulentos", apoiada em referências do campo de estudos marítimos como Jaime Rodrigues. O principal resultado aponta que os conflitos registrados em terra refletiam uma cultura de resistência moldada pelas

adversidades da vida no mar, exigindo uma reinterpretação histórica que vá além dos estereótipos.

Na categoria editorial Resenha, publicou-se **O Homem a Máquina e o Mar: a obra de Victor Hugo como testemunho histórico** de Jean C. Santos. O clássico de Victor Hugo ganha nova tradução pela Editora Unesp (2023), fiel ao texto original escrito durante o exílio do autor em Guernsey (1855-1871). Mais do que uma aventura épica sobre Gilliatt, um marinheiro que desafiou o mar para resgatar um navio a vapor. A resenha tratou de um testemunho histórico da era industrial, leitura indispensável para quem quer entender as raízes literárias da crítica ao capitalismo no século XIX.

Duas entrevistas compuseram a edição sendo a primeira **Cultura Hip-Hop, conhecimento e Islã: uma conversa com Sharif Shabazz**, conduzida por Gabriela Puschiavo, contribuindo para o entendimento e compreensão a respeito do Hip-Hop como um fenômeno cultural e político em desenvolvimento constante, apontando para sua importância como ferramenta de resistência, empoderamento e construção de conhecimento. Sharif Shabazz é uma figura importante no cenário do Hip-Hop brasileiro, nesta entrevista ele discutiu a relação entre movimento e cultura Hip-Hop, ressaltando sua influência na juventude periférica, na construção de políticas públicas e na identidade negra. Para além disso, Shabazz lembrou momentos da história do Hip-Hop no Brasil, como a repressão policial enfrentada nos anos 1980 e a institucionalização de políticas culturais voltadas à periferia nos governos progressistas. O entrevistado deu ênfase ao papel do conhecimento como o quinto elemento do Hip-Hop, o que evidencia o potencial educativo e transformador desse movimento/dessa cultura. Além disso ressaltou a conexão do Hip-Hop com o islão e fez referência a Deivison Nkosi como um intelectual orgânico do Hip-Hop.

Por fim, a **Entrevista com a rapper e cientista social Rubia Fraga**, o último trabalho do Dossiê 50 anos do Hip-Hop, encerra com chave de ouro a entrevista produzida por Bruna de Torres Bezerra à grandiosa Rúbia Fraga do RPW “Pule ou empurre-pule então, empurre então/Nosso estilo é assim

mesmo, não se assuste não!"⁷ MC pioneira do rap paulistano, cientista social pela UNIFESP e servidora pública na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Rubia compartilhou sua trajetória no Hip-Hop, desde os bailes black dos anos 1980 até a criação do estilo bate-cabeça, destacando o papel do movimento como espaço de resistência periférica. Ela refletiu sobre a inserção feminina no rap, revelando como suas letras (como "Discriminadas", 1994) anteciparam discussões feministas antes mesmo de conhecer o termo, e analisa os desafios atuais da Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop (FNMH2) na luta contra machismo e violência. Além disso, discute a importância de políticas públicas e pesquisas acadêmicas lideradas por vozes periféricas, como as iniciativas da UNICAMP, enquanto defende o reconhecimento do Hip-Hop como patrimônio imaterial.

Assim como foi mencionado pela Rubia RPW na entrevista, deixamos um *salve* especial para Jaqueline Lima Santos e Daniela Vieira que vêm realizando um trabalho de fôlego nas universidades e na institucionalidade com a cultura Hip-Hop, dentre elas, a articulação na UNICAMP para entrega do título de *Doutor Honoris Causa* para os Racionais MC's.

Portanto, após visitar o conjunto de textos que compõem este Dossiê pode-se apontar para o avanço dos *Hip-Hop Studies* no Brasil, contribuindo para a consolidação do Hip-Hop como um campo legítimo de pesquisa na academia brasileira. Os textos passeiam por abordagens distintas, que transitam entre as interseções do Hip-Hop com políticas públicas, profissionalização, educação, identidade racial, diversidades de gênero/sexualidade e indústria cultural. Essas diversas perspectivas fomentam a compreensão do Hip-Hop não apenas como um movimento artístico e cultural, mas como uma ferramenta de resistência e produção de conhecimento das periferias construídas pela juventude das periferias do Brasil e do Mundo. Essa diversidade temática presente no Dossiê esteve em consonância com o 1º Seminário Internacional da Construção Nacional do

⁷ RPW. Pule ou empurre [Clípe oficial]. Direção: Will Robson. São Paulo: Vitrine Paulista, 1994. 1 vídeo (4 min 21 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GI0ziTJjpk>. Acesso em: 29 mar. 2025.

Hip-Hop⁸ que ocorreu em Brasília (2024), onde foram debatidas diversas iniciativas de políticas públicas, lembrando que o movimento Hip-Hop faz *política pública* desde a raiz da sua essência, muito antes do reconhecimento do Estado.

Ao mapear iniciativas culturais, analisar letras de rap, discutir o papel da dança e explorar as conexões do Hip-Hop com o Islã, a coletânea amplia os horizontes da pesquisa acadêmica em torno do Hip-Hop, o que ajuda a fortalecer o Hip-Hop como um fenômeno cultural de relevância nacional. Para além disso, a diversidade teórica – que vai de Paulo Freire à Tricia Rose, de Pierre Bourdieu a Frantz Fanon – demonstra a interdisciplinaridade do campo, reafirmando e colocando o Hip-Hop como um espaço de produção intelectual, política e educacional. Deste modo, este Dossiê é não apenas documento, mas sobretudo, um fortalecimento e expansão do debate a respeito do Hip-Hop no Brasil, o que pode estimular novas pesquisas e consolidar a presença Hip-Hop no meio acadêmico brasileiro.

Como dizia Amílcar Cabral, a luta continua...

Bons estudos e boas leituras!

Às!

Maranhão/São Paulo, 29 de março de 2025

Ellen de Lima Souza⁹

Mano Magrão¹⁰

Priscilla Marques Campos¹¹

⁸ Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/brasilia-sedia-i-seminario-internacional-construcao-nacional-da-cultura-hip-hop>. Acesso em: 20 fev. 2025.

⁹ Docente do Departamento de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação na UNIFESP. Coordenadora do Grupo de Pesquisas Laroyê – Culturas Infantis e Pedagogias Descolonizadoras. e-mail: ellen.souza@unifesp.br

¹⁰ Antônio Ailton Penha Ribeiro. Mc desde 1998, professor de História, pesquisador do Hip-Hop e doutorando em História – PPHIS/UFMA. IG: @manoagracio098 e-mail: antonio.ailton@discente.ufma.br

¹¹ Graduada em História pela UFRJ, Mestra e Doutoranda na UNIFESP. Participa do Núcleo de Estudos da História da África Contemporânea e do Laroyê. IG: @historiadoraobstinada e-mail: priscilla.marques@unifesp.br